

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de Comércio (R. J.)*

Class.: 144

Data: *6 de abril de 1988*

Pg.: _____

A destruição do índio no Brasil

Luiz Paulino Bonfim

Por não se ter estudado e conhecido, com isenção, o que fez o índio brasileiro tem sido impossível conhecer a sua participação real na formação do Brasil, da sua economia e da sua cultura. A atitude geral tem sido a de escudar-se atrás de alegações como a do atraso e barbarismo do índio, das negações da importância da sua participação na nossa história, nossa cultura e nossa economia para tentar obscurecer o fato que se destruiu o nosso índio. Esta é a isenção que falta: a isenção de culpa na destruição do nosso índio.

Fujamos às impersonalizações que conduzem ao alheamento: é índio, é o nosso índio. Não fiquemos distantes no impessoal índio do Brasil ou na alienação de sentimentos de incóla, silvícola ou pior de administrado em vez de escravo índio. Dizer que administrado é a figura jurídica correta é subterfúgio, para não dizer ocultação de crime.

Logo que o branco chegou começaram as três coisas que acabaram com o índio no Brasil: a matança, a escravização e a miscigenação. Poderia ser encontrado um termo mais preciso para a miscigenação, já que ela vai do coito, puro e simples coito, até o casamento sacramentado. Ela ocorre desde motivada pela busca da satisfação sexual, nua e crua satisfação animal, até uma pretensa política de crescimento populacional. Quanto a matança e a escravização elas foram pura e simplesmente isto: miscigenação. Pela matança e pela escravização foi destruído o nosso índio no Brasil.

No que diz respeito à matança basta o exemplo de um homem, entre tantos matadores de índios que a história nos oferece: Cristóvão de Barros. Nas lutas contra os Tamoios, em Cabo Frio, as forças sob o seu comando matam mais de 4.000 índios. Nas lutas além do Rio Real, onde hoje é Sergipe, outros tantos índios são mortos. Só aí temos mais de 8.000 índios mortos. Para comparação nas duas batalhas dos Guararapes, as duas maiores batalhas nos dois primeiros séculos nas duas Américas, os mortos não chegam a me-

tade deste número. Mas a matança de índios inimigos poderia até ser compreendida mas nunca a matança de índios amigos, ainda mais quando em prejuízo do próprio branco. Isto a começar pelos Viatã, que nem mais sabemos quem sejam, e que Fernão Cardim antes do Brasil ter um século de descoberto e menos de setenta anos de ocupação efetiva, já diz: "Perito destes — os Potiguaras — vivia uma grande nação de gentio que chamão Viatã, destes já não há nenhuns...". Como os Viatã desapareceram é um compêndio da estupidez que destruiu os índios no Brasil.

O que provocou a maior destruição do índio no Brasil foi a sua escravização: para cada índio que chegava ao local de ser escravo quatro eram destruídos no processo de captura e transporte. No transporte e índice de perdas era maior que nos navios negreiros. Some-se a este fato que a vida útil do índio como escravo era menor que a do preto e esta era inferior a sete anos. Como escravização temos que considerar todas as formas por que era chamado o índio obrigado a prestar trabalhos de graça aos brancos, fosse ela de administrados, pretos da terra, pretos de cabelo liso ou serviços forros e poupemo-nos da hipocrisia de que trabalhavam em paga de casa, comida, roupa e o amor do seu amo e senhor. Não é sem motivo que mamaluco, a cria do branco e da índia, quer dizer "aquele que foi escravo". Quando se tem notícia de que índios ainda neste século foram capturados para trabalhar de graça podemos ter uma idéia da extensão da destruição do índio por causa da escravização.

Ninguém pode pretender estabelecer que a importância da participação do índio foi maior que a da preto ou a do português. Não existe um sistema de pesos e medidas, real e efetivo, para medir cultura, grau de civilização ou importância histórica, cada povo usa os seus próprios parâmetros para medir os outros povos e afirmar ser o mais culto e civilizado. Quanto à importância histórica cada povo escreve a sua própria história e cada governo imprime a versão que lhe interessa naquele momento. Acrescente-se que a falta de in-

formação facilita a exposição do que se quer e encontra-se campo para idéias e conceitos que são a melhor expressão tridimensional do vácuo sólido, como a afirmativa de que o índio comia gente por que não tinha comida suficiente.

Admite-se que foram importados mais de 3,5 milhões de escravos negros, que certamente não seriam mais do que 4 milhões. Hoje existem quase vinte vezes este número de seus descendentes e certamente existem mais do que 1,4 milhão de pretos puros, cerca de 1% da população. Dos 4 a 5 milhões de índios que se admite existirem quando da descoberta do Brasil — a falta de informação permite que igualmente abalizados uns afirmem serem somente pouco mais de um milhão e outros que chegariam a nove milhões — hoje não existem mais do que 220 mil índios no Brasil. Todos estes índios, se apertados, caberiam dentro do Maracanã para assistir um jogo e estes 220 mil são a expressão matemática da sua destruição. Somente uma política definida, definida embora não expressa, de destruição do índio pode explicar tal fato.

Como se a culpa pela destruição do índio aflora em cada escritor, todos apresentam conceitos que levam a diminuir o valor do índio e a sua imagem: ele é o bárbaro, o inculto, o incivilizado ou o que possam dizer que diminua a sua importância como a justificar, pela sua pouca importância, a sua destruição. Esta culpa aflora até em Martius quando diz que o índio não parecia partilhar da origem divina do homem e ele nem era português ou brasileiro, só tinha a parcela de culpa que cabe a todo homem deste planeta pela destruição de uma raça. Quanto mais brasileiro mais categórica as afirmativas da falta de qualidades dos nossos índios, até classificar o amor aos índios como indianofilia, como se fora mais um desvio escato-morbo-teratológico.

O que fez o índio brasileiro para merecer tal tratamento?

Luiz Paulino Bonfim é Administrador de Empresa.